

# **Aplicação da psicoterapia familiar sistêmica a problemas escolares. Uma avaliação qualitativa**

*Emília Maria Vaz Fernandes<sup>1</sup>,  
Aline Crochemore Hillal,  
Cleber Gibbon Ratto,  
Juliana Souza,  
Liane Borba,  
Liziane Kallil,  
Natali Pimentel Minoia,  
Vanessa de Araújo Marques.<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo trata de apresentar elementos de uma pesquisa intitulada “Aplicação da psicoterapia familiar sistêmica a problemas escolares: uma avaliação qualitativa”, que se desenvolveu de março do ano dois mil até a presente data, junto ao núcleo de pesquisa em saúde e comportamento da Escola de Psicologia da Universidade Católica de Pelotas. O estudo teve o objetivo geral de avaliar, mediante técnicas qualitativas, o tratamento de crianças com problemas de conduta e aprendizagem escolar, aplicando-se a psicoterapia familiar sistêmica.

**Palavras-Chave:** problemas escolares; família; escola; terapia familiar.

## **Introdução**

A Terapia Familiar apareceu por volta dos anos 50, após o término da Segunda Guerra Mundial. Alguns psicólogos, médicos e psiquiatras, insatisfeitos com os tratamentos que

---

<sup>1</sup> Psicóloga, mestre em educação, mestranda em psicoterapia familiar sistêmica pela Universidade Católica do Uruguai.

<sup>2</sup> Alunos do curso de graduação em psicologia da Universidade Católica de Pelotas, envolvidos na pesquisa.

realizavam em indivíduos isolados do contexto onde viviam, começaram a pensar novas formas de tratar as dificuldades de seus pacientes. Eles perceberam que não adiantava tratar o paciente isolado do ambiente em que vivia; então, pensaram, porque não tratar *todo* o ambiente do paciente? Esse pensamento abriu as portas para a entrada da família no consultório psicológico.

Com essa abertura para a família, esses profissionais observaram que as dificuldades que alguém tinha eram "alimentadas" pelas pessoas com as quais se relacionavam (em especial, sua família). Não era somente a pessoa que portava um problema: um problema existia, mas não só dentro do sujeito, também fora dele, nas suas relações, dentro de um sistema.

De acordo com Minuchin (1982) a família necessita de uma estrutura viável para desempenhar suas tarefas essenciais: apoiar o processo de individuação e proporcionar o sentimento de pertencer. Revela ainda que o indivíduo, a família nuclear, a família extensa e a comunidade, na qual está incluída a instituição escola, são "parte" e ao mesmo tempo "todo", por se conterem reciprocamente em um processo continuado e atual de comunicação e inter-relação.

Segundo Nichols e Schwartz (1998), para todas as terapias estratégicas e sistêmicas, o objetivo primário é a resolução do problema atual, ajudando as pessoas a saírem da paralisação, da homeostasia. Satir (1980) explana sobre numerosos estudos que demonstram a realidade de uma família, uma "unidade em equilíbrio". Afirma que de acordo com o termo 'homeostase familiar', a família age de modo a estabelecer um equilíbrio em suas relações. Porém, sabe-se que, nem sempre a "segurança da homeostase" é o melhor para a família. É preciso ir se transformando junto com o tempo e permitindo que coisas novas invadam suas vidas, assim como os filhos, para uma convivência menos tumultuada.

Segundo Foley (1990), a essência está em melhorar as maneiras pelas quais um sistema familiar se comunica. É importante salientar que essa comunicação não se refere somente

a comunicação verbal, mas também, a expressão corporal, os gestos e inclusive a omissão dos mesmos em determinado momento...Para Neil e Kniskern (1990), a terapia de família auxilia no crescimento dos membros individuais da família, porque eles em algum momento descobrem a impossibilidade de ficarem sós.

Minuchin (1990) partilha suas observações dizendo que, quando chega o período escolar há uma mudança muito grande na família e a mesma deve "correr" para acompanhar um turbilhão de emoções, de novos padrões e regras. Quando as crianças vão à escola, elas estão buscando o desenvolvimento intelectual, mas também o desenvolvimento emocional, social e eles precisam do apoio incondicional de seus pais. A família contribui muitíssimo no desenvolvimento escolar de sua prole, podendo facilitar ou não o mesmo, para que haja uma contribuição positiva, é necessário que a família seja participativa, em um processo de interação e dinamismo, apercebendo-se de que um filho é uma pequena parte, mas parte de um todo.

Este artigo trata de apresentar elementos de uma pesquisa intitulada “Aplicação da psicoterapia familiar sistêmica a problemas escolares: uma avaliação qualitativa”, que se desenvolveu de março do ano dois mil até a presente data, junto ao núcleo de pesquisa em saúde e comportamento da Escola de Psicologia da Universidade Católica de Pelotas. O estudo teve o objetivo geral de avaliar, mediante técnicas qualitativas, o tratamento de crianças com problemas de conduta e aprendizagem escolar, aplicando-se a psicoterapia familiar sistêmica.

## **2. Sobre o tema da investigação**

Cada vez mais nos deparamos com questões que dizem respeito às dificuldades que as escolas e as famílias tem para educar as crianças, e sobretudo, a importância que tem o contexto

social (meios de comunicação) e suas influências na privacidade do lar e dentro da escola.

A família com sua evolução histórica de extensa para nuclear e monoparental, vê-se ilhada e sozinha, impotente. Foi debilitado o poder do “pai”, da mãe, do valor de uma hierarquia, de segurança, de modelos de professores, pais, padrinhos, tios e avós. A escola é uma instituição representativa de todos os estratos sociais; em nossa experiência de anos de ensino em todos os níveis educativos, nos arriscaríamos a dizer que está na escola e sobretudo na família o trabalho conjunto responsável pelo desenvolvimento da nossa juventude.

As ciências humanas têm desenvolvido inumeráveis conhecimentos sobre a individualidade humana, seu desenvolvimento físico, biológico, psicológico, espiritual; suas enfermidades, diagnósticos e tratamentos; porém muito pouco tem desenvolvido sobre as inter-relações contextuais, circunstanciais da referida realidade. Esta é a forma como os teóricos sistêmicos, particularmente os terapeutas familiares analisam a problemática humana, como um indivíduo que é resultado de seu entorno e que por sua vez o determina.

Cada vez mais nos damos conta, como psicoterapeutas, de questões referentes a nossa prática profissional, que utilizamos na busca de soluções dos problemas de nossos clientes, em nossa investigação, de filhos, e alunos.

A orientação básica do estudo de que trata este artigo, contempla um trabalho em psicoterapia familiar sistêmica com uma epistemologia e metodologia que se traduzem em uma perspectiva de circularidade entre os membros a tratar (a família e a escola) e a equipe de terapeutas. Neste enfoque terapêutico o mais interessante, é o fato de situar o problema em todo o contexto familiar e escolar, e poder identificar a riqueza de soluções alternativas que se criam na família e na escola, além das mudanças que apresentam, inclusive na estrutura e hierarquia inter-relacionadas.

### 3. Sobre as referências metodológicas e teórico-conceituais escolhidas

Raquel Vidal (1991) comenta que o primeiro desenvolvimento de transformação conceitual de terapia familiar, se deve a Ludwing Von Bertalenffy (1979) marcado pelas “*gestalten físicas*” de Köler (op. cit.: 14); a homeostasia de Walter Cannon e o conceito de “*optimum*” de Claude Bernard. Mas também comenta sobre um segundo desenvolvimento, o da teoria matemática da comunicação, somado ao desenvolvimento da cibernética na década de quarenta com Wiener e seu conceito de “*retroalimentação*” e “*conduta intencional*”. Os “fenômenos cibernéticos, como fenômenos de entradas e saídas de informação que produzem determinados efeitos” (op. cit.: 16). Na mesma década, o trabalho de Claude Levy-Strauss “*As estruturas elementares de parentesco*” onde analisa “*as relações que permitem o especificamente humano e simbólico, pensando em termos de estrutura...*” (op. cit.: 17) serviu de base conceitual para a terapia familiar.

O desenvolvimento da lingüística de Ferdinand de Saussure, que introduz os conceitos de estruturalismo na linguagem, a ruptura da lógica tradicional feita por Bertrand Russel, explicando a teoria dos tipos lógicos, “*propõe uma ruptura com a lógica tradicional, a partir de uma série de proposições que estabelecem relações entre objetos...*” (op. cit.: 17)

No dizer de Raquel Vidal, “*a palavra, o sujeito, o número, cada um dos objetos dos quais a teoria da conta vai ser pensado em termos de relação... são diferentes desenvolvimentos de diferentes áreas do conhecimento, mas que tem em comum o de observar, de focalizar, as relações entre partes e totalidades*” (op. cit.: 18) dos quais a psicoterapia familiar sistêmica retira seus conceitos. Pensamos a família como um sistema aberto, “*um complexo de elementos inter-atuantes de tal modo, que o comportamento em certa situação, é diferente ao deste elemento em outra situação*”. (op. cit.: 18); ou seja, quando um elemento

da totalidade se modifica, o resto dos elementos dessa mesma totalidade também se modificam. Há que distinguir os sistemas fechados que não se relacionam com o ambiente e os sistemas abertos ou sistemas vivos que se relacionam com o mundo externo.

As características dos sistemas abertos são de equifinalidade (capacidade de que distintas formas de viver um problema pelo grupo gere um único tipo de conduta sintomática, por parte do grupo). A tendência à ordem ou à homeostasia, “*os sistemas fechados tendem à entropia positiva, quer dizer à acumulação de probabilidades, à máxima probabilidade, à acumulação energética*” (op. cit.: 19).

As propriedades dos sistemas abertos se aplicam aos sistemas familiares, que são uma totalidade; elementos em interação circular, tendência à homeostasia (permanecer no mesmo); segundo Usandivaras (1996) possuem aptidão para a transformação, para adaptar-se a novas condições. Para Usandivaras (1996) e Minuchin (1982) os sistemas familiares têm suas regras, seus limites, papéis que derivam distintas demandas flexíveis ou não.

No sistema familiar, segundo Usandivaras (1996) há quatro subsistemas que são parte natural da família: o *sistema conjugal* funciona como matriz de identidade sexual, do como ser homem–mulher. O *sistema parental* funciona como legislador, com os pais, as crianças aprendem a ler e classificar valorativamente o mundo. No *sistema fraterno* se aprende a conviver, repartir, negociar, manejar a colaboração, a solidariedade, a competência, a rivalidade com as intervenções pai, mãe e filhos. No *sistema filial*, a triangulação nas interações familiares, por parte dos filhos e seus pais, a aproximação dos filhos com seus pais e seus jogos inter-relacionados.

As famílias funcionam em homeostasia, as transformações são muito difíceis e complexas; preferem provar mais do mesmo, se assustam com ter que modificar condutas, formas de comunicação, de outro modo quando provam as mudanças, os resultados são de desenvolvimento e crescimento.

São muito difíceis as famílias que preferem viver em simetria. Outras famílias se despertam para as transformações e inclusive passam elas mesmas a serem promotoras de outras mudanças. (Usandivaras, 1996)

Em termos da metodologia utilizada na investigação dos resultados do tratamento de crianças com problemas escolares, a escolha recaiu na perspectiva qualitativa, porque propicia que se descreva em profundidade as reações e avaliações dos participantes no processo de terapia familiar sistêmica experimentado. Os resultados são analisados pelo processo de triangulação entre todos os envolvidos nas respostas à entrevista de avaliação de tratamento, ou seja: família, escola e terapeutas, além das qualificações e informações dos professores a respeito dos alunos (filhos com problemas). Na entrevista de avaliação participaram pais, irmãos, avós, tios, se os há. Foi feita uma entrevista de avaliação para as professoras, quando não puderam comparecer juntamente com a família.

Para Pourtois e Desmet (1998:114-6), a triangulação é um procedimento de validação dos dados. Pode ser de vários tipos: triangulação de fontes, como se pretende nesta investigação, ter vários informantes para compreender melhor o que acontece com os sujeitos e compreender os sentidos que atribuem a seus atos e interações. Esta metodologia oferece oportunidade de examinar o processo vivido desde o ponto de vista dos sujeitos em oposição às análises mais quantitativas, baseadas na operacionalização e correlação entre variáveis. (Bogdan e Blikem, 1994)

Foram escolhidas dezesseis famílias do total de atendimentos porque se enquadraram aos procedimentos metodológicos do enfoque teórico técnico da psicoterapia familiar sistêmica. Elaboramos as questões da entrevista de avaliação que foram categorizadas para análise das frequências de respostas. Este aspecto quantitativo foi utilizado somente como um acessório ao corpo metodológico do trabalho.

Para finalizar, fizemos um estudo específico das entrevistas de avaliação, com base nos conteúdos das entrevistas de tratamento, em geral de cada caso. (família-criança-escola).

## **5. Apontamentos sobre os resultados do estudo**

Em termos dos resultados da pesquisa cabe destacar, num primeiro momento, o perfil das famílias atendidas. Estas famílias são extremamente carentes, a maioria são proprietárias, mas de casas muito pobres e com poucas condições humanas de viver com dignidade, se alimentam mal, vivem da mendicância ou ocupações temporárias. Foram auxiliadas com passagens de ônibus pelas secretarias municipais envolvidas no projeto. Poucas famílias têm telefone e um emprego estável. Quando chovia e fazia muito frio não vinham aos atendimentos porque não tinham o que vestir ou calçar. As crianças atendidas têm entre cinco e dezesseis anos, sendo a maioria entre nove e doze. Alguns já haviam experimentado drogas, catavam lixo para vender, pediam esmolas pelas ruas, porém iam todos à escola. Estes hábitos modificaram-se durante o tratamento, as escolas lhes deram tarefas em turnos que não tinham aulas, ou passaram a ajudar nas tarefas de casa, sobretudo os maiores, para que seus pais pudessem arranjar um trabalho melhor. A estas atividades as assistentes sociais da equipe de trabalho foram incansáveis e, sobretudo orientando a todos em questões de assistência social, de participação em programas do governo e programas de saúde.

Os sujeitos pertencem a uma população muito pobre, que sobrevive pela participação em planos de assistência dos órgãos públicos sob a condição de manterem seus filhos na escola. A Universidade lhes ofereceu por meio deste projeto de investigação, um atendimento gratuito que assim mesmo lhes sai dispendioso, razão por que seus deslocamentos foram custeados. Foi-lhes oferecida também, a segurança de que seus filhos seriam liberados das aulas sem receberem faltas. Da mesma forma foram

garantidas cartas de atestado para os adultos que precisaram faltar ao trabalho.

Os tratamentos dos dados obtidos com a pesquisa apontam que, de forma geral, com raras exceções, aplicar a psicoterapia familiar sistêmica a problemas escolares é uma forma de trabalho que resulta bastante proveitosa para todos os envolvidos, ou seja, os membros da família do paciente identificado como portador do problema, ele próprio, portanto, e a comunidade escolar, na figura de seus representantes, professoras e/ou orientadoras de escola. Das 16 (desesseis) famílias atendidas e avaliadas; quanto ao aproveitamento do tratamento, 12 (doze) julgaram proveitoso; 4 (quatro) acreditam ter sido proveitoso, porém com exceções, e nenhuma família julgou o tratamento não proveitoso.

Quanto ao fato do tratamento ser realizado com toda a família, 15 (quinze) famílias acharam bom e apenas 1 (uma) ruim. Cada vez mais a família está sendo chamada ao mercado de trabalho e as crianças ficam entregues a instituições quando são pequeninos; mas quando chegam em idade escolar, a grande maioria ficam sozinhos em casa, com irmãos, com vizinhos ou com alguns parentes. Nesta questão de pesquisa, tanto as famílias como as escolas revelaram ser de grande importância comparecer toda a família ao atendimento, porque assim todos se comprometem com a realidade familiar, bem como com a escola e com a própria criança. Principalmente as mães, revelam alívio ao poder dividir com quem tenha condições, as suas responsabilidades, e estes por sua vez ficam satisfeitos e se sentem prestigiados por poder colaborar; por exemplo o pai que passa a ver 30 minutos a menos de televisão, e os dedica a fiscalizar as tarefas do dia de seu filho; a avó que, embora não se entenda bem com a nora, tem muito bom relacionamento com o neto e passa a se responsabilizar mais, em vez de se afastar-se pelas pequenas fofocas entre ela e nora.

Quanto à opinião sobre chamar a escola para o tratamento\*, 13 (treze) julgaram bom e 2 (duas) julgaram bom, porém com restrições. Nossa percepção sobre os dados também

se detém no fato de que as escolas se queixam muito de que as famílias são resistentes a colaborar com a escola. Por outro lado, concluímos em nossa observação, que os estímulos para tal participação são poucos e, por vezes, a presença dos pais é indesejada. Também é de se considerar que algumas famílias, que não foram caso desta pesquisa, delegam toda a responsabilidade de desempenho de seus filhos. A maioria da nossa população refere como proveitosa a participação da escola no processo de atendimento ao aluno - o conhecimento da realidade fica mais evidente. Algumas restrições referem-se, por parte dos pais, à escola não oferecer condições de assessoria mais individualizada; por parte dos professores, se referiram ao fato de que na maioria das vezes trabalham em outras instituições e não tem tempo e condições para acompanhar cada aluno e suas dificuldades; nesta particularidade o pai de uma das famílias se ofereceu para treinar e apitar futebol à tarde na escola para as crianças que quisessem, e soubemos que foi muito bem recebido pela escola.

Quanto às avaliações escolares (notas), 11 (onze) alunos melhoraram significativamente seus resultados. Um aluno adolescente apresentou notas um pouco mais baixas, entretanto, começou a trabalhar com seu pai, não anda mais em "gangues" e segue estudando. Uma aluna também baixou um pouco suas notas, mas a escola e a família estão satisfeitos pois a menina está mais participativa, respeita melhor seus colegas e professora, ou seja, tem mais limites. Há o caso de um aluno que manteve as mesmas notas, não demonstrando interesse em mudar.

As exceções dizem respeito àquelas famílias e às vezes escolas com as quais não pudemos contar ao longo do tratamento, pois nessa forma de trabalho a que nos propomos faz-se imprescindível a presença de ambas, para que juntas possam encontrar maiôs saudáveis onde o diálogo e a cooperação mútua passem a existir, beneficiando assim a criança que está sendo a representante do problema. Se a família não quer se ajudar e a escola, por sua vez, resiste ao contato com a mesma, deixando de assumir sua responsabilidade no processo, o

tratamento não tem razão de ser, pois se perde o sentido de nossa proposta, ou seja, a união de forças desses dois sistemas que consideramos de suma importância na vida de um ser cidadão em formação moral e intelectual.

Em síntese, nossa pesquisa vem corroborar a importância da aplicação da psicoterapia familiar sistêmica na medida em que propõe um trabalho contextualizado de crianças com problemas escolares.

## 6. Referências Bibliográficas

BOGDAN, R., BIKLEN, S., 1994. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

FOLEY, Vincent, 1990. *Introdução à Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artes médicas.

MINUCHIN, Salvador, 1982. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

MINUCHIN, Salvador e FISHMAN, Charles, 1990. *Técnicas de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

NEIL e KNISKERN, 1990. *Da Psique ao Sistema, a evolução da terapia de Carl Whitaker*. Porto Alegre: Artes Médicas.

NICHOLS, Michael e SCHWARTZ, Richard C., 1998. *Terapia Familiar, conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

POURTOIS J. P. et DESMET, H., 1992. *Relations école – familles en mutation*. Communication au 1er Congrès d'Education enfantine. Málaga: C.E.R.I.S. 52p.

SATIR, Virginia, 1980. *Terapia do Grupo Familiar*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

USANDIVARAS, Carlos. (1996) *Seminários de aula*. Mestrado em psicoterapia familiar sistêmica. Universidade Católica do Uruguai.

VIDAL, Raquel, 1991. *Conflicto Psíquico y Estructura Familiar*. Montevideo: Editorial Ciencias. 135 p.